

“Projeto Querença”: Redes e parcerias como base para o **desenvolvimento local** e um **turismo comunitário e criativo** na aldeia de Querença - Portugal

“Querença project”: Networks and partnerships as a basis for **local development** and **community and creative tourism** in Querença village - Portugal

YOLANDA FLORES E SILVA * [yolanda@univali.br]

JOÃO ALBINO SILVA ** [jsilva@ualg.pt]

Resumo | O estudo que resultou neste artigo teve por objetivo descrever os caminhos e as ações do ‘Projeto Querença’ (PQ) para diminuição da desertificação populacional via criação de arranjos produtivos sustentáveis no Algarve, sul de Portugal. A metodologia adotada foi qualitativa, com pesquisa preliminar bibliográfica e documental, visitas a Querença, entrevistas e observação do meio. A análise dos dados foi realizada segundo Geertz com interpretação das respostas as entrevistas, repercussão do PQ no contexto pesquisado considerando a recuperação e requalificação da aldeia de Querença com a ida de jovens para produzir ideias e oferecer soluções aos problemas económicos, culturais e sociais locais e o fomento de parcerias através de redes que auxiliem no processo de abertura para um desenvolvimento local e humano. Em 2014 o PQ demonstrou que é possível uma diminuição da desertificação populacional com o aumento de pessoas e atividades na aldeia de Querença. Considerando os arranjos produtivos possíveis graças ao PQ, o turismo, se pensado segundo os critérios do turismo rural de base comunitária, é o arranjo produtivo ideal para promover e criar produtos e serviços relacionados à hospitalidade, à gastronomia, aos patrimónios culturais e naturais locais.

Palavras-chave | Desenvolvimento local, redes comunitárias, turismo.

Abstract | This paper is based on the research that describes the paths and the actions of “Project Querença” (PQ), which aims to stop depopulation through the creation of sustainably productive arrangements in the Algarve region of southern Portugal. The methodology used was qualitative, using a document review of preliminary literature, visits to Querença, and interviews and observation of the environment. Data analysis was performed according to Geertz, in addition to interpreting the interviews, the repercussion of PQ in the research context, and considering the revival and rehabilitation of the village of Querença, whether by attracting young people to produce ideas that offer solutions to economic, social and cultural local problems as well as foster partnerships and networks to boost human and local development. In 2014, PQ has shown that it is possible to halt population decline by increasing these activities and attracting people to the village of Querença. Considering the possible productive arrangements due to PQ, tourism, if planned according to criteria of community-based rural tourism, is the ideal productive arrangement to promote and create products and services related to hospitality, gastronomy, and to cultural and natural heritage.

Keywords | Local development, Community networks, Tourism.

* **Doutora em Filosofia da Saúde** pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. **Professora** na Universidade do Vale do Itajaí, Brasil.

** **Doutor em Economia** pela Universidade Técnica de Lisboa. **Professor Catedrático** da Universidade do Algarve.

1. Introdução

O mundo rural passa por amplas mudanças e nunca a problemática do desenvolvimento local nos territórios rurais mereceu tanto destaque em diversos setores da sociedade. Esta discussão torna-se ainda maior quando associada à questão da desertificação populacional. Tratar de ‘desertificação’ populacional é tratar de questões delicadas relacionadas às migrações humanas que podem ter várias causas. Estas causas podem relacionar-se, por exemplo, com a alteração da composição do agregado familiar, situações limites relacionadas a conflitos ou problemas de ordem natural e os problemas económicos que ao longo do tempo vêm fazendo com que as pessoas se desloquem para longe de onde nasceram. Estes deslocamentos na busca por lugares economicamente mais estáveis e com potencial para oferecer oportunidades às pessoas, têm sido a motivação principal, embora saibamos que nem sempre a migração significa alcançar progresso económico no lugar escolhido para viver (Clark, 2008).

O deslocamento migratório nunca é apenas físico, visto que todas as mudanças decorrentes de amigos, família, local de residência, local de trabalho e locais de consumo, implicam uma mudança radical na vida da pessoa. O autor também enfatiza que não confundamos mobilidade residencial com migração. A migração certamente não significa apenas mudar de casa. Uma migração consiste de um deslocamento em que tudo muda, seja uma migração internacional ou inter-regional. Ou seja, o migrante e sua família passam a ter uma nova vida social com novos laços sociais, novas redes de solidariedade, novo capital social, educacional e económico. Pensando em termos de Portugal, o país tem vivido as migrações de uma forma muito mais intensa do que a admitida, considerado em certos momentos do século XX, como o país mais migratório do mundo. No século XX, entre o início e o final dos anos 70, Portugal foi um dos países do mundo que registou a maior movimentação migratória internacional. A ‘sangria’ emigratória dos portugueses ocorreu na própria Eu-

ropa (França, Alemanha e Luxemburgo, entre outros países). No mesmo período, cerca de meio milhão de pessoas oriundas das ex-colónias portuguesas vieram para Portugal, isto é, 5% do total da população portuguesa. Contudo, este contingente de pessoas concentrou-se nas cidades de Lisboa, Porto, Coimbra e poucas foram as que seguiram para as regiões rurais e aldeias (Peixoto, 2006).

Este contexto de perda contínua de pessoas, por migração, morte e baixa natalidade, faz com que o interior de Portugal sofra com a estagnação económica decorrente da paralização da agricultura, da pecuária e conseqüentemente há pouco ou nenhum desenvolvimento local. Este fenómeno acarreta a médio prazo, a queda da população ativa com encargos de natureza distinta para esta população, que tem que amparar muitas vezes física e economicamente seus idosos, sem recursos suficientes para tal (Graça, 2010). Considerando esta realidade, alguns projetos vêm sendo criados com o intuito de fomentar o desenvolvimento destes territórios, através da revitalização e requalificação das aldeias via patrimónios culturais e naturais e dinâmicas que tragam pessoas para se fixarem de forma permanente ou como visitantes (turistas), com o propósito de alavancar a economia local através do aumento da empregabilidade

Para Alves (2002) esta problemática de desenvolvimento no meio rural tem no turismo um parceiro inquestionável. Para o autor, a forma mais fácil de conseguir formar uma rede de promoção e discussão sobre os problemas do interior rural é via turismo, associando ao território uma vocação turística seja de carácter cultural, natural ecológico e /ou gastronómico. Contudo, o autor ressalva que o turismo não é uma ‘panaceia’ e uma solução para todos os problemas e dificuldades do meio rural. Ou seja, não será apenas via turismo que se encontrarão as soluções para o interior, até porque as soluções passam pela possibilidade de um trabalho coletivo que envolva pessoas e organizações numa rede comunitária que construa laços que fortaleçam o território, quem ali vive e quem por lá passar.

A proposta denominada de 'Projecto Querença' é uma proposta de investigação ação iniciada em 2010, concretizada a partir de 2011 por investigadores da Faculdade de Economia, do curso de doutoramento em Turismo da Universidade do Algarve. A equipa incluiu também técnicos ligados ao Conselho de Loulé que já possuíam ações voltadas para a problemática na aldeia de Querença e outras aldeias e vilas daquele território. Este artigo trata questões anteriormente colocadas e com o objetivo de descrever e discutir esta proposta de revitalização e requalificação em uma aldeia do Algarve.

2. Pressupostos teóricos: redes, capital social e desenvolvimento

A formação de redes em áreas rurais traz o imperativo de compreender que as associações e parcerias e seus efeitos na população local são de natureza territorial e sociocultural. Estas redes são suportes que somente se formam quando há um capital social disponível, e, embora, o capital económico seja importante, este por si só não é suficiente para trazer desenvolvimento local e humano. As 'alianças' e / ou parcerias internas e externas a determinado grupo, com pessoas ou organizações que possam favorecer o alcance de objetivos coletivos e individuais, segundo Tallmar e Chacar (2011) realmente funcionam se estes arranjos forem adaptados à realidade da comunidade através da formação de redes que as sustentem não apenas economicamente, mas que produzam benefícios de outra natureza.

Na perspectiva de se analisar qual o capital social de uma comunidade rural que busca uma alternativa aos seus problemas económicos, faz-se necessário estabelecer qual o conceito de capital social a ser utilizado como referência teórica. Este é um conceito bastante contestado e que pode ser analisado sobre diversos ângulos. No caso da discussão ora realizada, o capital social pensado se refere ao de Bourdieu

(1986) um clássico da sociologia que mostra que o conceito do autor retrata as características de organização social de uma comunidade e como tal suas redes, considerando normas, formas de associação e cooperação mútua (Putnam, 1995, 2000).

Estas questões são importantes porque, conforme sua formatação, podem ou não diminuir os conflitos no território em que se esteja a organizar parcerias com suportes que possam auxiliar na organização de arranjos produtivos no meio rural, como, por exemplo, o turismo rural comunitário. Bourdieu e Putnam (1995, 2000) mostram as redes e os percursos possíveis: fechados, unidirecionais, simétricos, horizontais, com vínculos fortes ou frágeis e/ou laços que se interligam a outras redes internas e externas na busca de benefícios. Quanto mais capacidade tem uma comunidade de expandir sua rede de relações e parcerias, mais aumenta a sua capacidade de aumentar as oportunidades individuais e coletivas (Espinoza & Veja, 2011).

Seguindo esta linha de pensamento, percebe-se que os campos possíveis para que o capital social possa proporcionar a formação de redes estão relacionados à família, aos jovens, a escola e a educação, a vida em comunidade, o trabalho coletivo de algumas organizações não governamentais, a democracia e a governança de problemas que requerem ações coletivas para o desenvolvimento económico (Rivera & Yserte, 2009). Contudo, é na família que ocorre a primeira instância capaz de criar redes e laços de socialização e confiança, e pode ser via família que as comunidades tradicionais iniciam ações capazes de proporcionar bem estar e qualidade de vida a várias pessoas.

Flores e Rello (2003) afirmam que um capital social para 'existir' e se tornar potencialmente capaz de criar redes de suporte deve possuir alguns componentes: uma cultura forte capaz de criar identidade e pertença a um grupo de famílias/pessoas com interações sociais que sustentem organizações criadas por elas para benefícios coletivos que não se desintegre diante das consequências e resultadas em todas as suas possibilidades, de ganhos e perdas.

No caso de Portugal, segundo Covas & Covas (2008), as ações e arranjos produtivos realizados no meio rural podem ter vários formatos e percursos. Para estes autores os arranjos produtivos locais na perspetiva do desenvolvimento local (e/ou endógeno) considera um sistema de diversificação multifuncional sustentável (DMS) com três dimensões de desenvolvimento (económico, ambiental e social), combinando inovação social em meio rural com as tecnologias agroecológicas. Estes elementos e as suas ligações constituem o que os autores denominam de multifuncionalidade do sistema DMS, com várias formas empíricas de multifuncionalidade e diferentes modos de diversificação, capazes de gerar uma tipologia multifuncional. Nesta tipologia multifuncional sistémica e ou programada existem ganhos de distintas naturezas, mas, também riscos, visto que o mercado ainda está a absorver alguns conceitos relacionados a este formato de arranjo no meio rural.

Estes são arranjos que ocorrem no universo de uma agricultura de subsistência e/ou familiar e, ainda segundo Covas e Covas (2008), possuem dimensões de análise relacionadas às histórias familiares, opções de vida, organização das famílias para gerenciar propriedades, arranjos e suportes sociais permitidos em cada cultura conforme a região, modo de produção e a cadeia e valor dos produtos oferecidos. Também dependem da associação da agricultura com diversos segmentos económicos, das políticas públicas locais e das estratégias familiares adotadas (e/ou aceites) para associar os seus arranjos agrícolas com outros arranjos (como o turismo rural, por exemplo) que ainda não são dominados em termos de conhecimento por estes atores sociais.

Qualquer que seja o formato da rede estabelecida é importante que se percebam as ligações e os seus efeitos, individuais e coletivos, para a formação destes arranjos e do tipo de desenvolvimento produzido. A ampla diversificação e integração sustentável nos elementos e parâmetros

de existência dos empreendimentos, do ambiente (natural e edificado) e das pessoas irão levar a um desenvolvimento local não apenas sustentável do ponto de vista económico, como incorporar o que investigadores como Max-Neef (2006) tratam com um novo olhar, que é o desenvolvimento humano. Ou seja, um desenvolvimento que pense no ser humano, nas suas potencialidades, de modo que este possa não apenas ter arranjos produtivos que o sustentem, mas que inclua na sua vida melhores padrões de alimentação, de ocupação laboral, de relacionamentos intrafamiliares e comunitários, entre outros elementos.

3. Metodologia

A metodologia desenvolvida para este projeto foi qualitativa e envolveu a utilização de diferentes ferramentas de recolha de dados com abordagem antropológica. O objeto norteador que justificou os estudos foi o Projeto Querença com arranjos produtivos que associam produção agrícola, produção artesanal, resgates gastronómicos e turismo rural (com características do turismo de natureza e turismo ecológico). Nessa perspetiva o objetivo geral, norteador da investigação realizada, foi o de descrever esta proposta da região do Algarve no sul de Portugal.

No Algarve o local alvo da investigação foi o "Concelho de Loulé" região rica nas áreas litorais, mas com pobreza e desertificação populacional na região do "interior", ou seja, nas freguesias e aldeias do Barrocal Algarvio. O *locus* da coleta de dados foi a aldeia de Querença, hoje com cerca de 700 pessoas, embora no centro da aldeia não vivam mais que 200 pessoas (Fernandes, 2013; Covas & Covas, 2013; Tomé, 2011).

A *primeira etapa* da pesquisa realizada em setembro de 2013 consistiu na seleção da docu-

mentação e bibliografia necessárias sobre os temas tratados em bancos de dados eletrónicos e arquivos públicos do Algarve. Esta pesquisa foi realizada via bibliotecas virtuais, bancos de dados do SCIELO, PORBASE, CAPES, OAISES, IBICT e Biblioteca do Algarve.

A *segunda etapa* do trabalho de campo ocorreu durante os meses de outubro, novembro e primeira semana de dezembro de 2013. Os instrumentos [roteiro de entrevista + diário de observações] foram elaborados nesta etapa. Os inquiridos foram selecionados entre os sujeitos que estavam à frente das redes/organizações comunitárias, que desenvolvem ações coletivas associando práticas de cultivo, artesanais e gastronómicas às atividades de turismo rural. Ao todo foram entrevistadas formalmente 40 pessoas e conversou-se de forma informal com mais outras 80 pessoas, todas envolvidas direta ou indiretamente com redes comunitárias atuantes, principalmente em Loulé e Querença. Das 40 pessoas entrevistadas 26 eram homens e as demais mulheres, todos acima de 30 anos, autónomos, atuantes nas organizações In Locco, Prove, Slow Food Algarve, Concelho de Loulé, Projecto Querença e Proactivetur, ou sem envolvimento legal com qualquer destas organizações, embora participando das ações relacionadas à agricultura, a comercialização de alimentos, de artesanatos, de entre outras atividades. As entrevistas ocorreram durante eventos de natureza distinta: congressos, seminários locais, feiras /mercadinhos, caminhadas na natureza, cursos e *workshops* ou visitas diretas às pessoas, com agendamento prévio, durante os meses de outubro, novembro e a primeira semana de dezembro.

Na *terceira etapa* de análise dos dados de campo recorreu-se aos referenciais de Geertz (1989) e Minayo (2007), associando dados oficiais documentados aos dados discursivos. Estes são apresentados de forma descritiva com reflexões dos autores com uso de referenciais teóricos relacionados à informação discutida.

4. Análise e discussão dos resultados

Neste tópico apresentam-se os universos em que efetivamente se conseguiu observar um trabalho coletivo com a participação de muitas parcerias num formato de redes, com utilização do “capital social” local como principal protagonista, fazendo a diferença na organização de arranjos produtivos de natureza distinta, voltados para o mesmo propósito: tornar uma comunidade viável para moradia e sobrevivência económica.

4.1.O Algarve, Loulé e Querença: universo do estudo

O Algarve fica na região sul de Portugal (Figuras 1 e 2) e até 1889 foi considerada uma região isolada do território de Portugal, quando então, além da comunicação via mar, passou a ter o “caminho de ferro” ligando Faro a Loulé. Em função desta situação, aliada a catástrofes naturais (terremotos, enchentes, secas), invasões, lutas liberais e pouca diversidade de matérias primas, a industrialização foi tardia, contudo, ao nível agrícola sempre teve potencial, embora esta fonte económica não tenha sido suficiente para evitar a desertificação humana (Covas & Covas, 2013).

Loulé enquadra-se no Algarve como o Concelho mais próspero, com sua economia concentrada até muito recentemente na agricultura, antes que o Algarve como um todo se tornasse uma referência de turismo de sol e mar, golfe e grandes empreendimentos hoteleiros, com Loulé a frente destes arranjos económicos voltados para a atividade turística. A aldeia de Querença está situada no interior do concelho de Loulé (Figuras 3 e 4) e abrange as zonas do Barrocal, Beira Serra e Serra. Dista cerca de 10 km da sede do concelho e 22 km do litoral (Fernandes, 2013, p. 6).



Figura 1 | Portugal continental.



Figura 2 | O Algarve.

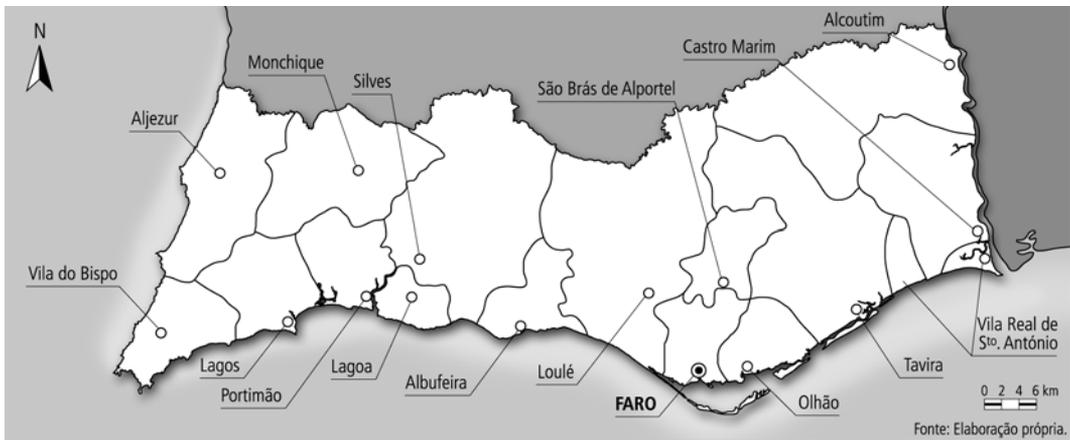


Figura 3 | Concelhos do Algarve.

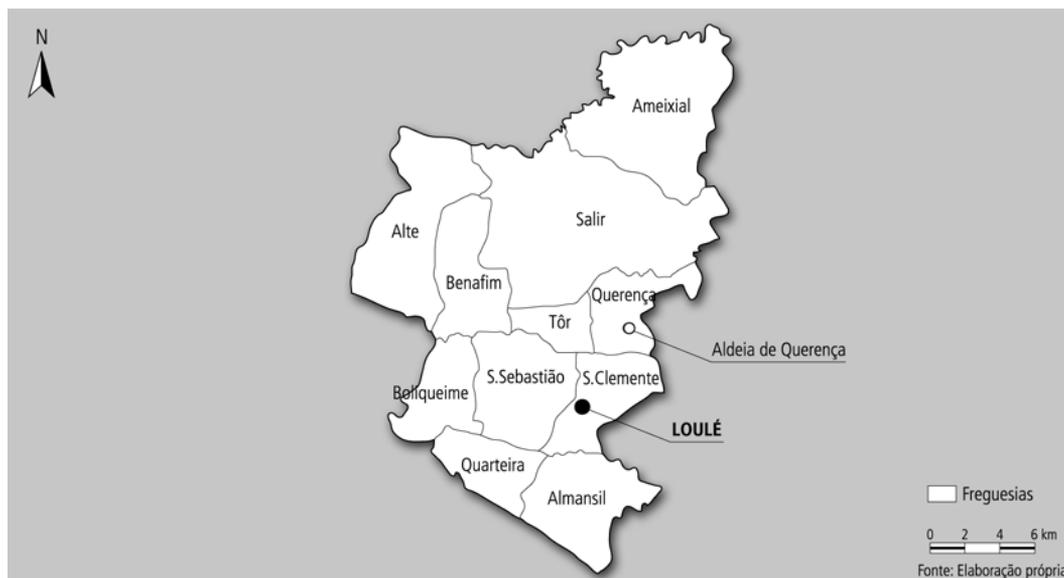


Figura 4 | Concelho de Loulé e localização da aldeia de Querença.

A aldeia de Querença situa-se na zona do barrocal Algarvio. Na região central ocupada pela aldeia está o seu alvo casario típico Algarvio. No alto de um monte situa-se a Igreja Matriz do século XVI (Figura 5), com o portal manuelino do século XVI, de decoração modesta, localizada no largo da Igreja, frente ao Cruzeiro que está assente numa rocha (Tomé, 2011, p. 34).

As origens da aldeia remontam ao período Neolítico, porém não existe muita documentação que ateste a sua história. Seu nome no português arcaico significa 'lugar onde se criam falcões', autores mais recentes referem-se à Querença como o lugar que as pessoas têm um querer 'forte e caloroso'. Na década de 1940 possuía 3196 habitantes. Entretanto quando em 1997 a aldeia de Tôr se torna



Figura 5 | Localização do centro da aldeia: Igreja Matriz.

Freguesia, perde 50% de sua população e de lá até os dias atuais o decréscimo tem-se acentuado pelo envelhecimento, falecimentos mensais e baixa taxa de natalidade (Inácio, 2007). Em 2011 a população local não passava de cerca de 700 pessoas com 151 delas vivendo isolada. A população ativa trabalha em Loulé e a demais trabalha com artesanato e agricultura de subsistência. Os estrangeiros, na sua maioria aposentados, também plantam, mas esta é uma renda complementar (Fernandes, 2013).

Um dos maiores bens patrimoniais de Querença é a fonte de Benémola, um local de grande beleza natural, símbolo da diversidade paisagística da região Algarvia e ponto de visita obrigatória de alguns turistas, que chegam à aldeia em excursões organizadas através do Projeto Via Algarviana. Segundo o posto de turismo de Querença, a maior parte destes visitantes são ingleses, alemães e portugueses e os seus interesses centram-se nas visitas eco turísticas a pé ou de bicicleta desenvolvidas no caminho que leva a fonte.

4.2. 'Projecto Querença': uma proposta ação de desenvolvimento local

O "Projecto Querença" nasceu com o objetivo de fazer um resgate territorial orientado para as áreas rurais de baixa densidade da aldeia de Querença de acordo com uma análise de pertinência dos recursos existentes e potencialidades disponíveis. O projeto foi delineado em finais de 2010 com o objetivo de dinamizar o interior desta aldeia, utilizando-se de uma abordagem de intervenção que incluía a busca de soluções sustentáveis com uso dos recursos locais (promoção do desenvolvimento local) e a criação de oportunidades de atuação prática para jovens licenciados da UALG. Em 2011 deu-se início à sua implementação, tendo como promotores parceiros a Fundação Viegas Guerreiro e a Universidade do Algarve (Covas & Covas, 2013).

A ancoragem do projeto foi a formação de redes que se interessavam pela requalificação dos

'saberes' e 'fazer' locais, contudo, com horizontes atualizadas, com um olhar no moderno, ainda que com base ancestral (tradicional). Este tipo formação de redes é comum em atividades cuja base associa o conhecimento exógeno ao conhecimento endógeno e ou local (Tallman & Chacar, 2011).

As redes realizadas envolveram a formação de parcerias com a Câmara Municipal de Loulé, o Instituto de Emprego e Formação Profissional, a Junta da Freguesia de Querença, a Caixa Geral de Depósitos, Portugal Telecom, Fundação Calouste Gulbenkian e Honda, importantes parceiros que tornaram possível o financiamento dos licenciados, a compra de equipamentos e de outros materiais necessários aos planos de desenvolvimento em Querença. A equipa com nove jovens licenciados da Universidade do Algarve foi constituída em Junho de 2011 e em Setembro já iniciavam a experiência, num total de nove meses em Querença, morando primeiro de forma permanente e depois com incursões semanais e quinzenais até a vinda de novos licenciados em novo edital, aberto em 2013.

O primeiro desafio da equipa de licenciados do grupo de 2011 foi de conhecer os recursos locais (naturais, rurais, culturais, sociais) e, a partir de estudos feitos com discussões coletivas com a comunidade, elaborarem propostas que pudessem transformar-se em algo rentável. Considerando o contexto local e as potencialidades e vocações, perceberam que a agricultura biológica, o ecoturismo, a jardinagem sustentável associada a novas tecnologias e criatividade, podiam ser fundamentais para a criação de arranjos produtivos adequados à região e ao capital social existente. Observando-se que este capital social tanto estava associado aos licenciados, quanto às pessoas da aldeia que com suas ideias e conhecimentos foram fundamentais para tornar possível e viável a proposta. Para Park et al. (2012), estes elementos, quando bem utilizados, é que tornam possível a recuperação de opções para que os jovens nascidos na localidade permaneçam no lugar. Contudo, a continuidade e a formação de redes com parcerias permanentes é que podem

realmente mudar o quadro existente no futuro, eis porque qualquer ação iniciada em situações como as da aldeia de Querença envolve riscos segundo Covas & Covas (2008).

Nesse sentido, a coordenação de uma proposta como a apresentada deve ter um bom respaldo académico e técnico. No caso do Projeto Querença, o coordenador científico foi o professor Antonio Covas, professor catedrático da Universidade do Algarve desde 2000. Pela sua formação e experiência na agricultura foi assessor do Ministério da Agricultura (1995-1999), e autor de inúmeras publicações sobre desenvolvimento rural em Portugal e na área dos estudos europeus é ainda membro de diversos órgãos institucionais de desenvolvimento rural, educação, entre outros. O coordenador técnico foi João Ministro, natural de Loulé e licenciado em Engenharia do Ambiente pela Universidade do Algarve, também com larga experiência prática sobre conservação da natureza e da biodiversidade tendo coordenado o projeto 'Natureza na Reserva Natural do Estuário do Sado' e área da 'Conservação de Aves Aquáticas e Recuperação de Salinas' por cinco anos.

Colaborou também com a Associação Almagem e em vários projetos de conservação da natureza, prevenção de fogos florestais, educação ambiental e ecoturismo. Entre os mais conhecidos, destaque para a "Via Algarviana", "*Birdwatching* no Algarve", estratégia PROVERE "Algarve Sustentável", entre outros. É também sócio-gerente da empresa Proactivetur, especializada em ecoturismo e turismo de natureza (Projeto Querença, 2013).

A união dos conhecimentos destes dois coordenadores, ambos em suas áreas (Agronomia e Engenharia Ambiental) com atuações marcantes no turismo, terminaram por fomentar em todas as ações desenvolvidas pelos licenciados reflexos no turismo. No diagrama explicativo do Projeto Querença (Figura 6) é possível observar a rede de parcerias que foi formada. As áreas predominantes de atuação e ação da proposta são agronomia, gestão, turismo e biotecnologia. As primeiras redes e parcerias que se vincularam à proposta incentivaram ações criativas em particular na agronomia e na biotecnologia, entretanto, foi o turismo que mais ganhou, de forma mais imediata, dividendo resultado das ações realizadas.

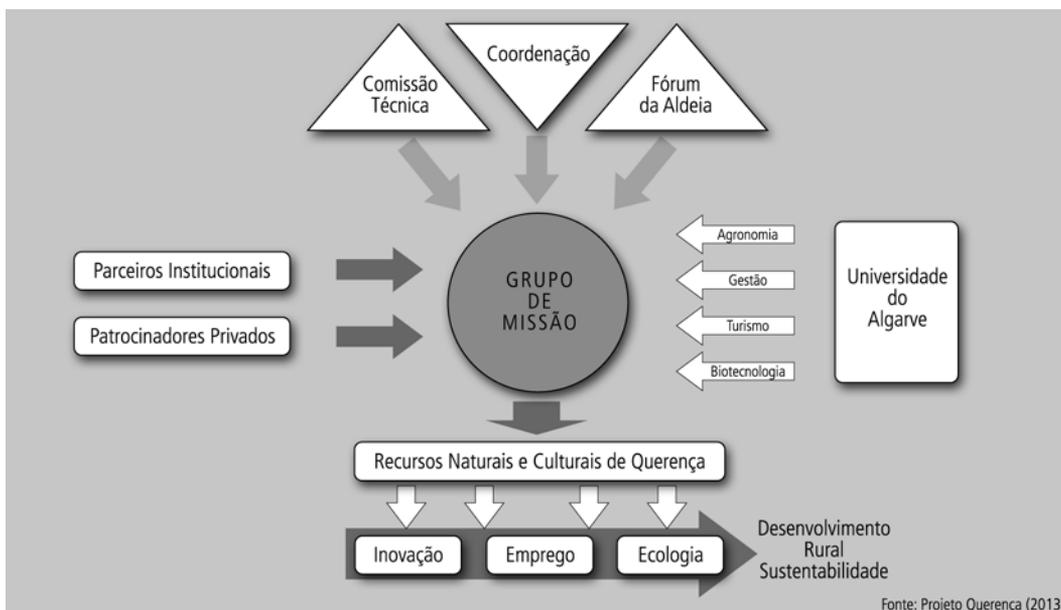


Figura 6 | 'Projeto Querença': diagrama explicativo.

O 'Mercadinho de Querença' criado pelos licenciados de agronomia para atrair compradores da produção resultante do cultivo agroecológico nas terras abandonadas de Querença terminou por incentivar junto aos licenciados em turismo, marketing e design, ideias de recuperação junto dos artesões da região de produtos utilitários e de decoração que se tornaram atração em exposições e vendas no 'mercadinho', bem como a realização de workshops sobre como fazer alguns produtos artesanais, direcionados a turistas. Da mesma forma, durante o 'mercadinho' organizaram-se programações para conhecer as hortas e pomares, tratar da educação ambiental e proteção das águas, visitas aos patrimónios naturais e culturais representados pelos casarios, móveis, canções, poesias e alimentos tradicionais. Todas estas atrações mostraram ser possível um desenvolvimento local na aldeia via turismo associando os segmentos rural, ecológico e gastronómico.

Considerando que a meta final da proposta do 'Projeto Querença' é o desenvolvimento sustentável,

faz-se necessário entender que este formato de 'desenvolvimento' nos remete ao conceito de desenvolvimento local, que é uma nova forma de investir e atuar localmente. Pensando nesta perspetiva como um grande desafio uma vez que a ideia é se afastar de uma competitividade mais global e assumir que para o 'local' faz-se necessário capitalizar as capacidades e competências locais e regionais através de diferentes estratégias (Claeh, 2002, p. 7). Para Burbano (2011), este desenvolvimento, quando valoriza as capacidades e competências de um território, torna-se mais integral porque considera as dimensões económica, sociais, políticas, culturais e ecológicas. A cultura, num âmbito transversal, abarca todos os aspetos inerentes e necessários a um desenvolvimento com crescimento económico equilibrado e por isso cria possibilidades de que este desenvolvimento seja na escala humana (Max-Neef, 2006).

Segundo Farmer, Prior e Taylor (2012), um trabalho comunitário sustentável somente consegue ter sucesso quando possui capital social, económico e humano, individual e institucional, e será a união



Figura 7 | Mercadinho de Querença: venda de produtos agrícolas.

destes que trará resultados a qualquer proposta que tenha por meta o fortalecimento de um grupo. Estes capitais é que tornarão possível a formação de redes com suportes e laços capazes de trazer a médio e longo prazo resultados que levem a um desenvolvimento local e humano. O capital social, segundo Bourdieu (1986), centra-se nas relações, cria normas de modo que a relação criada se transforme em suporte e amparo. O capital económico busca os recursos necessários para viabilizar as ações, e finalmente o capital humano, conforme os conhecimentos que os indivíduos detêm, torna possível o planeamento, a organização e a orientação dos percursos a desenvolver. Este capital humano também pode ser um excelente mediador nos momentos de conflitos, de discussão e de busca de soluções (Fey, Bregendahi & Flora, 2007).

No projeto em questão, o capital humano e social uniu pessoas com várias competências, provenientes da universidade, das organizações locais e da própria comunidade, que juntas pensaram e colocaram em prática ideias que tornaram possível unir as tradições com adequações ao contexto do século XXI. Observando este contexto é possível afirmar que o papel das organizações envolvidas foi o de agregar valor, atualizar, resgatar e mostrar que velhos papéis e funções têm o seu lugar no século atual com as devidas adaptações. Os critérios de atuação estavam ligados às competências académicas associadas às tradições locais.

Em relação ao processo de atuação, outra característica de propostas como a de Querença, e o que diferencia projetos comunitários desta natureza de outros projetos realizados por instituições públicas, é a participação de pessoas que não visam o lucro individual. Os lucros e/ou ganhos nascem de ideias arrojadas e requalificações de arranjos produtivos já existentes que são transformados e /ou adaptados às necessidades humanas, ambientais e sociais. O sentido económico neste modelo de proposta não é o objetivo final ou o principal, embora seja importante a fim de garantir outros ganhos, tais como a empregabilidade de pessoas jovens, de modo a

evitar as migrações e o processo de desertificação já citados. Os ganhos de natureza social e humano dizem respeito a estimular ações mais coletivas do que individuais, de modo que todos possam ter participação nos ganhos, que se estimule na região a organização de eventos, produtos e serviços que visem junto com o capital económico a socialização, a solidariedade, a organização associativa para que se lute por políticas públicas direcionadas as necessidades da região (Guzzatti, Sampaio & Coriolano, 2013).

4.3. Contribuições do 'Projecto Querença'

As contribuições do Projeto Querença no momento são mais relacionadas à visibilidade social e cultural da aldeia, resgate das tradições agrícolas e artesanais e o início de uma comercialização de produtos a pessoas do Concelho de Loulé, e outras provenientes de outros lugares do Algarve. Também é visível o aumento de visitas para a realização de atividades turísticas que unem o segmento ecoturístico e/ou de natureza ao turismo rural com visitas e alojamento em pousadas rurais e quartos nas residências de moradores da região para participação em provas gastronómicas e cursos de formação das tradições locais. É possível que pelos próximos dois anos que os meios de alojamento existentes, se tornem insuficientes.

Também é importante mostrar que as visitas de pessoas a Querença criaram na comunidade local a esperança de que a aldeia não irá 'desaparecer' e, portanto, faz-se necessário que se invista em ações e infraestruturas que já não mais importavam em função da falta de pessoas para usufruir e consumir. Resumidamente pode-se afirmar que, de 2011 aos dias atuais, foram realizadas muitas ações em Querença, como o dia do 'Mercadinho de Querença' (último domingo de cada mês) e Workshops (12), Passeios de Interpretação (10), Cursos e Experiências Temáticas (12), Palestras (12), Lançamentos de Livros (02), Mercados (27), Atividades Gerais (12) (Projeto Querença, 2013).

5. Conclusões

Na prática, a ida a lugares como a aldeia Querença, torna perceptível que a cada dia se acentuam as dificuldades nestas localidades. Se as pessoas não permanecem investindo as suas competências, dinheiro e tempo num lugar, a tendência é que se chegue à desertificação populacional pelo envelhecimento e morte dos moradores e baixa natalidade. Também aos poucos se vão perdendo muitas das referências e identidades culturais relativas aos patrimônios locais, o que também significa que a história local desaparece ficando apenas dados remotos de quem viveu e trabalhou na região.

O que o 'Projeto Querença' traz para Querença é a possibilidade de que este processo possa ser revertido e que se possa ter novamente vida, produtos e serviços para moradores e visitantes. Embora ao longo dos últimos anos, Portugal, tenha aumentado a frequência de pessoas do meio urbano para o rural para atividades de turismo e lazer, a falta de ações e dinâmicas que possam produzir atividades de interesse para os visitantes, por exemplo, de uma forma mais permanente termina por diminuir o interesse das pessoas pelas comunidades rurais tradicionais.

Nesse sentido, a proposta mostra às pessoas em Querença a possibilidade de recuperar e requalificar uma aldeia com a ida de jovens licenciados para produzir ideias e oferecer soluções aos problemas locais, fomentar parcerias através de redes que possam auxiliar no processo de abertura para um desenvolvimento local e humano. Também mostra o papel da Universidade do Algarve que através do Prof. António Covas mentor da proposta, fez a ponte necessária entre a academia e a comunidade mostrando que a base da proposta foi académico-comunitária unindo atores sociais externos e internos, movimentando as pessoas de forma coletiva e comunitária. O que foi garantido pelo coordenador técnico o Engenheiro Ambiental João Ministro, nascido em Loulé e a 'ponte' de interação entre a população do campo e a universidade.

Ainda não é possível demonstrar via indicadores de desenvolvimento e qualidade de vida se Querença vai continuar este processo num patamar que permita continuar a apostar na aldeia enquanto espaço de moradia, permanência, aprendizagem, lazer e tranquilidade para moradores e visitantes. Se o caminho for de continuar investindo e apostando no 'Projeto Querença' que fique claro que qualquer transformação mais permanente na localidade, assim como nas regiões vizinhas, somente ocorrerá se vier acompanhada da participação dos moradores e dos parceiros que estiverem dispostos a investir num desenvolvimento económico sustentável acompanhado da racionalidade do uso dos recursos existentes.

Espera-se com a continuidade do estudo do 'Projeto Querença' até 2017, com a autora e alunos de doutoramento em turismo do Brasil e de Portugal não apenas responder à questão central deste artigo, como auxiliar na organização e no planeamento de um turismo na região, pensado no mesmo, enquanto arranjo produtivo ideal para promover e criar produtos e serviços relacionados com a hospitalidade, a gastronomia, o património cultural e natural locais de aldeias de Portugal ou de pequenos municípios rurais do Brasil.

Referências

- Alves, J. (2002). *Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais. O programa de revitalização de aldeias e vilas históricas da região do Alentejo*. Dissertação. Mestrado em Cidade, Território e Requalificação, Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Arnhold Junior, M. (2006). *"Turismo rural ético: o agroturismo em Santa Rosa de Lima-SC"*. Dissertação de Mestrado em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú.
- Bourdieu, P. (1986). The forms of capital. In J. G. Richardson (Ed.). *Handbook of theory and research for the sociology of education*. New York: Greenwood.
- Burbano, A. (2011). *Desarrollo local: manual básico para agentes de desarrollo local y otros actores*. Eumed – net, Málaga (Espanha).
- Claeh (Centro Latinoamericano de Economía Humana) (2002). *La construcción del desarrollo local en América Latina. Análisis de experiencias*. Montevideo: CLAEH-ALOP.

- Clark, W., (2008). Geography, space, and science: perspectives from studies of migration and geographical sorting. *Geographical Analysis*, 40(1), 258-275.
- Covas, A., & Covas, M. (2013). Em busca de uma racionalidade territorial multiníveis nos processos de governança regional: O exemplo da região do Algarve. *Desenvolvimento Regional em Debate*, 3(2): 66-85.
- Covas, A., & Covas, M. (2008). *Retratos portugueses de agricultura multifuncional*. Anais. VI Congresso Português de Sociologia: Mundos sociais, saberes e práticas, Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Espinoza, G., & Veja, L. (2011). Discutir el campo del capital social desde un enfoque transdisciplinario. *Polis revue org. Ciudad de México*, 29, 1-22.
- Farmer, J., Prior, M., & Taylor, J. (2012). A theory of how rural health services contribute to community sustainability. *Social Science & Medicine*, 75(2012), 1903-1911.
- Fernandes, S. (2013). *Mercado de Querença: ao encontro do marketing de experiências*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Algarve, Faro.
- Fey, S., Bregendahl, C., & Flora, C. (2007). *The measurement of community capitals through research*. Disponível em <http://www.ojrrp.org/issues/2006/01/index.html>, consultado em outubro de 2013.
- Flores, M., & Rello, F. (2003). Capital social: virtudes y limitaciones. In: Atria, R. et al (Orgs). *Capital social y reducción de la pobreza en América Latina y el Caribe: en busca de un nuevo paradigma*. CEPAL-Universidad del Estado de Michigan. Santiago.
- Gallo Rivera, M., & Garrido-Yserte, R. (2009). *El capital social. ¿Qué es y por qué importa?*. Madrid: IUAES-Universidad de Alcalá.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Google Imagens. (2013). *Fotos Projeto Querença*. Disponível em: www.googleimagens.pt, consultado em dezembro de 2013.
- Graça, M. (2010). *Aldeias vinhateiras: Aldeias com vida?* Dissertação de Mestrado. Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Guzzatti, T., Sampaio, C., & Coriolano, L. (2013). Turismo de base comunitária em territórios rurais: Caso da associação de agroturismo acolhida na colônia (SC). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 6(1), 93-106.
- Inácio, B. (2007). *Plano de promoção de Querença*. Monografia de Licenciatura. INUAF Instituto Superior D. Afonso III, Faro.
- Loulé. (2013). *Mapas do Concelho de Loulé*. Disponível em: efp.es-loule.edu.pt, consultado em dezembro de 2013.
- Max-Neef, M. (2006). El poder en la globalización. *Revista Futuros*. Antioquia, 14(4), 12-32.
- Minayo, M. (2007). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec-Abrasco.
- Park, D., Lee, K., Choi, H., & Yoon, Y. (2012). Factors Influencing Social Capital in Rural Tourism Communities in South Korea. *Tourism Management*, 33, 1511-1520.
- Peixoto, J. (2006). Migrações e mudança social: Demografia, mercado de trabalho e integração social em Portugal. In: Figueira, E. et al. *Questões sociais contemporâneas. Atas da VIII Jornadas do Departamento de Sociologia*, Universidade de Évora. Évora.
- Projecto Querença. (2013). *Projecto Querença*. Disponível em www.projectoquerença.pt, consultado em dezembro de 2013.
- Putnam, R. (2000). *Bowling alone: The collapse and revival of America's civic community*. New York : Simon and Schuster.
- Putnam, R. (1995). Tuning in, tuning out: The strange disappearance of social capital in America. *Political Science & Politics*, 28, 664-683.
- Tallman, S., & Chacar, A. S. (2011). Communities, alliances, networks and knowledge in multinational firms: A micro-analytic framework. *Journal of International Management*, 17, 201-210.
- Tomé, S. (2011). *A água dá, a água tira*. Faro: Chiado Editora.

Notas:

Este artigo foi apresentado no XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), que decorreu de 24 a 26 de setembro de 2014, na Universidade do Estado do Ceará – UECE. Consta das Atas do Seminário.

A investigação apresenta dados parciais de pesquisa realizada em 2013 no Estágio Sênior Pós-Doutoral (Financiamento CAPES / Processo 3505/13-8) realizado pela autora na Faculdade de Economia, Programa de Turismo da Universidade do Algarve, sob a supervisão do Professor Doutor João Albino Matos da Silva.